

# MARÉ

## DE NOTÍCIAS



## Desculpe o transtorno, estamos em obras

Após um ano paradas, as obras do BRT Transbrasil são retomadas e o corredor de 32 quilômetros de ônibus expresso ligará o Centro da cidade a Deodoro. **PÁGINAS 8 E 9**

## O problema do analfabetismo funcional

PÁGINAS 4, 5 E 6

## Justiça exige câmeras e GPS nas operações policiais na Maré

PÁGINAS 10 E 11

## Aumentam os casos de sífilis

PÁGINA 7

## MARÉ GANHA Subcoordenação de Educação Municipal

A diretora da Escola Escritor Lêdo Ivo, Marisa Matos, foi a escolhida para assumir a nova função. **PÁGINA 3**



ELISÂNGELA LEITE



ELISÂNGELA LEITE

## Quem consegue ficar sem celular nos dias de hoje?

Nos transformamos em viciados em *Smartphones* e já temos consequências na postura, com o uso contínuo.

**PÁGINAS 12 E 13**

## EDITORIAL

Olá, essa Edição de agosto do Maré de Notícias tem o prazer de divulgar uma decisão histórica no País, que poderá mudar a vida dos moradores da Maré e também abre precedente para que outras comunidades no Brasil possam lutar para a garantia do direito à Segurança pública. A luta dos moradores da Maré é grande, mas a decisão judicial que determina que as operações policiais nas 16 favelas sejam acompanhadas por ambulâncias, tenham GPS, câmeras nas viaturas policiais, além da proibição de que aconteçam durante a noite, a não ser em situações em que haja desastre ou acidente, é uma grande vitória! A partir de uma denúncia no plantão judiciário estadual, uma Ação Civil Pública foi instaurada pelas associações de moradores da Maré com organizações não governamentais, como a Redes e a Luta pela Paz, e o Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Rio. O Governo do Estado tem 180 dias para providenciar as exigências que estão citadas na decisão. E você, morador, é o grande beneficiado, não pode desanimar, tem de denunciar cada violação de direito que possa sofrer. Só com essas denúncias podemos mudar a realidade da Maré. Você pode ter auxílio no atendimento que acontece todas as segundas e sextas-feiras na Redes. Além disso, a íntegra da decisão está no site da Redes: [www.redesdamare.org.br](http://www.redesdamare.org.br). Acesse, imprima e exija que seus direitos sejam cumpridos.

O Maré de Notícias também traz nessa Edição uma matéria especial sobre nossa nova postura com o uso contínuo de celulares. A reportagem dá dicas de como evitar o problema. Nas páginas 4, 5 e 6 uma análise sobre o problema do analfabetismo funcional no Brasil. Um em cada quatro brasileiros não consegue compreender textos simples, como bula de remédios e manuais de eletrodomésticos. A causa está na baixa qualidade do ensino, situação que deverá piorar e muito com a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional que congela o investimento em educação por 20 anos. A situação não está fácil, mas temos de lutar e muito pra reverter esse quadro. A luta, queridos leitores, é árdua e contínua! Exige coragem e isso, não podemos negar, o brasileiro tem. Boa leitura e até setembro.

## HUMOR | André de Lucena



## EU, LEITOR

Olá, pessoal do Maré de Notícias! Essa questão que está acontecendo sobre Segurança Pública na Maré em relação ao trabalho realizado de apoio, orientação, acompanhamento aos moradores e moradoras é algo inédito em favelas, não é? Eu pergunto, porque lendo os artigos sobre esse Eixo, reflito sobre a imensa importância desse trabalho e fico orgulhosa de saber que sempre tem gente pensando e realizando ações, extremamente relevantes, com foco na concretização de Direitos que temos como cidadãos da Maré,

**ENVIE SUA POESIA, FOTO, RECEITA OU PIADA. ESSE ESPAÇO É SEU!**  
[comunicacao@redesdamare.org.br](mailto:comunicacao@redesdamare.org.br)

como qualquer morador/a da Cidade do RJ. E é bem bacana ver que o Jornal Maré de Notícias sempre está antenado com as questões que realmente interessam a gente. Parabéns para Vocês!

**Sara Aves - Vila do João**

## EXPEDIENTE

## REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012  
 Nova Holanda – Maré  
 Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21044-242  
 Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276  
[comunicacao@redesdamare.org.br](mailto:comunicacao@redesdamare.org.br)

## PARCERIA:

actionaid

## UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

## DIRETORIA:

Alberto Aleixo  
 Andréia Martins  
 Edson Diniz Nóbrega Júnior  
 Eliana Sousa Silva  
 Helena Edir

## APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré  
 Observatório de Favelas  
 Conexão G  
 Luta pela Paz  
 Vida Real

## EDITORA EXECUTIVA

**E JORNALISTA RESPONSÁVEL:**  
 Daniele Moura  
 (Mtb 24422/RJ)

## COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:

João Ker  
 (Mtb 0987/RJ)  
 Hélio Euclides  
 (Mtb 29919/RJ)  
 Roberto de Oliveira  
 (Mtb 29977/RJ)

## FOTÓGRAFA:

Elisângela Leite

## REVISORA:

Elizete Munhoz

## PROJETO GRÁFICO E

**DIAGRAMAÇÃO:**  
 Mórula\_Oficina de ideias

## IMPRESSÃO:

Folha Dirigida

## TIRAGEM:

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

## GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: [www.redesdamare.org.br](http://www.redesdamare.org.br)

[f /redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.twitter.com/redesdamare)

# Com 44 escolas, Maré ganha uma Subgerência Municipal de Educação

**HÉLIO EUCLIDES**

A professora Fátima das Graças Lima Barros é coordenadora da 4ª Coordenadoria Regional de Educação e tem a incumbência de organizar uma Subgerência na Maré. Tivemos uma conversa com ela.

## Como surgiu a ideia de uma Subgerência na Maré?

No início do ano houve um grande conflito no limite ou divisa, como falam. Um diretor pediu socorro pelo WhatsApp. Eu era conselheira da Rede de Educação, e tínhamos uma reunião depois do carnaval, na Maré. Então com apoio da 30ª Região Administrativa (RA), enviamos fotos do que se passava, e o Secretário de Educação, Cesar Benjamin, antecipou a reunião. Nela foi formado um Grupo de Trabalho que reúne cinco diretores que pensaram ações, como a criação de uma Subgerência da CRE.

## Quem assumirá a Subgerência?

A diretora da Escola Escritor Lêdo Ivo, Marisa Matos, vai assumir. Ela conhece bem a Maré e vai acrescentar muito. Essa Subgerência vai possibilitar ações mais rápidas e um olhar mais próximo da Secretaria. Em agosto pretendemos inaugurar esse trabalho no prédio da Região Administrativa.

## Como a escola pensa segurança?

Um Decreto da antiga Secretária, Cláudia Costin, deu autonomia para o diretor suspender ou não as aulas. Hoje, os diretores entram num consenso, com o uso do WhatsApp. Depois a escola se programa como vai

suprir a questão pedagógica; cada uma faz do seu jeito, há democracia. Um exemplo: a Escola Olimpíadas Rio 2016 fez uma plataforma digital, pensando em uma aluna com problemas de saúde. Depois se avançou para recuperar dias perdidos. A Secretaria está com parcerias para, no futuro, essa conectividade chegar a toda a Maré, na qual o aluno vai interagir por meio do celular. Uma pró-atividade que começou na Maré.

## O que farão contra o vandalismo?

Algumas escolas são arrombadas e se gasta muito com cadeados novos. O importante é mostrar ao morador que a escola é dele e todos precisam cuidar. Na quadra dos CIEPs Elis Regina e Samora Machel estamos em contato com a Região Administrativa, para se criar um novo local de lazer para a Maré. O objetivo é expor que é preciso ter regras para que todos possam usufruir de espaços públicos, com cuidado para não estragar nada.

## Existe algum projeto para a Praia de Ramos e Marcílio Dias?

Ainda existe um deficit, mas não é só construir, existe a responsabilidade com a estrutura. Na Praia de Ramos o que falta é a Educação Infantil para crianças com até dois anos de idade. Já na Kelson's só tem a Escola Primária Cantor e Compositor Gonzaguinha, e o planejamento deverá ser maior. Boa parte das crianças e adolescentes precisa andar quatro quilômetros para estudar do outro lado da Ave-

ELISÂNGELA LEITE



A professora Fátima das Graças Lima Barros tem a incumbência de organizar uma Subgerência na Maré

nida Brasil. A Kelson's precisa entrar no mapa da Maré.

## Ainda há falta de professores na Maré?

Hoje, praticamente, não há carência. O concurso e a dupla regência supriram a falta que existia. O Secretário vai se reunir com o Prefeito para o retorno da dupla regência, o que depende de orçamento. Hoje (14/07), são seis vagas de professores, mas em meia hora esse número pode mudar. Ocorrem, diariamente, as licenças temporárias, especialmente após confrontos, quando profissionais ficam abalados e doentes. A mídia atrapalha, pois faz propaganda negativa da Maré, o que afasta o recém-contratado. Quando passa no concurso, o professor não deseja ir para a Maré, mas quem vai não deseja sair.

## No passado foi divulgada a migração como solução para

## falta de professores. Hoje não é mais utilizada essa opção?

A migração de professores que trabalham 16 e 22 horas para 40 horas foi suspensa, por motivo de orçamento. Mas estamos solucionando de outras formas.

## Qual a avaliação do turno único?

É a melhor coisa que pode acontecer. O aluno permanece sete horas na escola, onde aprende e o profissional ensina, ambos de uma forma calma. O professor tem mais tempo para planejar. Criança precisa estar na escola, com estrutura para ela aprender valores. Nessas horas, o aluno tem atividades como Educação Física, Artes, Língua Estrangeira e Educação Musical. Além do ensino curricular e atividades, a carga horária prevê alimentação. Em algumas escolas há o Programa Mais Educação, quando além das sete horas, é acrescida uma carga horária de uma ou três horas de jornada escolar.

# Analfabetismo Funcional: um obstáculo ao real cumprimento da cidadania

Um em cada quatro brasileiros não consegue compreender textos simples, como bula de remédios e manuais de eletrodomésticos

**DIEGO JESUS**

Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa em 2016, um entre quatro brasileiros é considerado “analfabeto funcional”. Em muitos casos, os analfabetos funcionais conseguem reconhecer letras, desenvolver leituras e resolver operações matemáticas simples. Apesar disso, esses indivíduos apresentam dificuldades na interpretação de textos longos e na resolução de problemas numéricos mais complexos, como a leitura de gráficos e tabelas. Os analfabetos funcionais não conseguem compreender textos como notícias, bulas de remédio, manuais de eletrodomésticos, passagens bíblicas, como também têm limitações ao preencher formulários de emprego e até mesmo ao escrever mensagens instantâneas utilizando aplicativos de celular e páginas da internet. É possível que um indivíduo analfabeto funcional não consiga explicar o que leu logo após ter finalizado a leitura de um texto longo. A causa do problema está na baixa qualidade do ensino. Muitos trabalhadores analfabetos e analfabetos fun-

cionais, principalmente no caso daqueles com idade avançada, têm dificuldades para retornar à escola. A longa carga horária no trabalho implica indisposição para enfrentar a sala de aula – o que desestimula essas pessoas a aprender a ler e escrever ou a aperfeiçoar o que já sabem. Os graus de analfabetismo mexem diretamente com a autoestima dos indivíduos nessa situação.

## Educação de Jovens e Adultos

A diretora do CIEP Gustavo Capanema, localizado na comunidade Vila do Pinheiro, na Maré, **Gisa Gonçalves**, 34 anos, relata a experiência da escola com o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA). O programa tem 30 anos e, inicialmente, atendia a adultos e pessoas da terceira idade que tentavam retornar para a escola. Esse perfil mudou com o passar do tempo. Nos últimos anos, o PEJA na Maré tem sua clientela formada em grande maioria por jovens e adultos com idades entre 16 e 30 anos. “Nós realizamos uma pesquisa anual com os alunos para saber qual a intenção deles com o retorno ao ensino noturno. Muitos são trabalhadores analfabetos, pessoas

que nunca tiveram contato com a escola, ou analfabetos funcionais, pessoas que já estiveram inseridas no sistema de ensino, mas desejam expandir seus conhecimentos para terem melhores oportunidades de emprego no mercado de trabalho”, relata Gisa. Diferentemente do ensino diurno, dividido por anos, o PEJA está organizado por blocos. Os níveis atendem da Alfabetização ao Ensino Fundamental I, e a transição de um bloco para o outro depende do rendimento do próprio aluno. Segundo Gisa, “o CIEP Gustavo Capanema conta com um grupo de professores que está há 20 anos na escola desenvolvendo esse trabalho. Apesar de todos os problemas de violência que a Maré vivencia cotidianamente, eles estão engajados em transformar a realidade local por meio da educação”. O CIEP Gustavo Capanema atende, atualmente, a 285 moradores da Maré por meio do PEJA, com faixa etária de 16 a 70 anos. Segundo a diretora da escola, a experiência com o Programa identifica que a recorrente presença de analfabetos funcionais é consequência da precariedade no sistema

ELISÂNGELA LEITE



educacional brasileiro em todas as instâncias. Os jovens que retornam aos estudos por meio do Programa apresentam grande dificuldade no desenvolvimento da escrita, apesar de, em muitos casos, já terem passado anos frequentando a escola.

## Analfabetos funcionais na era digital

Nos últimos anos, a inclusão digital expandiu as possibilidades de exercício da escrita e da leitura. Apesar disso, o analfabetismo funcional é responsável por boa parte das pessoas que utilizam a internet não experimentarem seu potencial educativo plenamente. Embora seja uma fonte de descobertas de informações, levando seus usuários ao contato constante com textos de notícias, curiosidades e, até mesmo, obras literárias, por conta do baixo acesso à educação, moradores principalmente de países pobres exploram menos conteúdos do que poderiam. O *WhatsApp* é um exemplo atual da intensa troca de informações por meio da leitura e da escrita ao redor do mundo.



O aplicativo, utilizado por mais de um bilhão de pessoas, chega a registrar a troca de 42 bilhões de mensagens por dia. Ainda assim, estudos desenvolvidos por escolas e empresas têm identificado as profundas dificuldades de seus alunos e funcionários em se comunicar por meio da escrita e interpretar mensagens mais complexas compartilhadas no aplicativo. Em muitos casos, analfabetos funcionais acabam usando a ferramenta apenas com o auxílio de gravação de voz e compartilhamento de imagens, o que os leva a não fazer o uso da internet de forma que colabore para o desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita.

### **A dificuldade para ingressar na Universidade**

Diversos brasileiros que tentam ingressar na Universidade se deparam com a dificuldade de realizar a prova de redação. A redação no vestibular ou prova do ENEM é o momento em que o candidato deve comprovar a sua habilidade de reflexão

e de escrita, baseando-se nos temas apresentados no teste. Pelo pouco contato com a leitura e por não exercitar a escrita, muitos que tentam ingressar no Ensino Superior são impossibilitados de desenvolver um texto que argumente de forma precisa sobre as questões apresentadas. É cada vez mais importante que as políticas públicas sejam pensadas para alcançar um número maior de brasileiros em situação de analfabetismo. O processo de alfabetização pode resultar no prosseguimento dos estudos, gerando a conquista de empregos formais por meio de cursos profissionalizantes e resultando, até mesmo, no ingresso à Universidade.

Segundo informações do INAF (Indicador de Analfabetismo Funcional), responsável por medir os graus de alfabetização dos brasileiros, a maior parcela de analfabetos está na população de cor negra, o que sinaliza a desigualdade na garantia ao acesso à educação no País, presente com maior gravidade na

“

É possível que um indivíduo analfabeto funcional não consiga explicar o que leu logo após ter finalizado a leitura de um texto longo. A causa do problema está na baixa qualidade do ensino.

realidade dos moradores de periferias. De acordo com a pesquisa, apenas 37% dos entrevistados que se autodeclararam negros terminaram o Ensino Médio, acompanhados por 17% que conseguiram ingressar na Universidade. É preciso lembrar, ainda, de como o analfabetismo acontece historicamente no Brasil. Por muito tempo os analfabetos foram impedidos de exercer direitos como, por exemplo, o de votar. Em 1957, 70% dos brasileiros eram analfabetos. Apesar de exercer diferentes aspectos de sua cidadania, como o pagamento de impostos e funções de trabalho diversas, o analfabeto, na época, não tinha a liberdade de exercê-la plenamente e decidir quem seriam os seus representantes políticos. Em 1964, após uma tentativa de garantia do voto facultativo aos brasileiros analfabetos, por meio de um Projeto de Emenda à Constituição, a resposta da grande maioria dos políticos da época argumentou que a medida levaria ao “crescimento de um eleitorado de tendência subversiva”. Tal afirmação ajuda a entender o interesse político por trás da manutenção da desigualdade social, ainda mais se considerarmos o baixo investimento nas políticas públicas voltadas para a educação no Brasil ao longo da história.

Nos últimos 15 anos, o Brasil passou por um lento progresso

na ampliação do acesso à educação. O investimento em projetos como o PEJA e a criação de 18 universidades públicas são dois dos inúmeros exemplos das iniciativas adotadas para a inclusão de brasileiros pobres a diferentes níveis do sistema educacional. Atualmente, medidas governamentais têm ameaçado violentamente os direitos conquistados pela população.

A Proposta de Emenda Constitucional de número 241/55 é um exemplo desse retrocesso. Aprovada em dezembro de 2016, põe em prática a limitação dos investimentos em educação para os próximos 20 anos, o que vai na contramão de medidas adotadas por diversos países ao redor do mundo que pensam a educação como meio essencial para o desenvolvimento social e econômico de suas populações. Como escreveu o pensador Paulo Freire, ícone da reflexão sobre educação no País, “seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica”. É talvez agora, mais que nunca, tempo de luta pela liberdade, e esta só será possível com a manutenção do desejo de aprender a partir da escola e para muito além dela.

# Alfabetização como ação cultural para a liberdade

**ANA PAULA ABREU MOURA**

Professora da Faculdade de Educação/UFRJ, Coordenadora de Extensão da Faculdade de Educação, Coordenadora do Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos (EJA-UFRJ) e Pesquisadora do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos

“Vi...la, Vi...la, Vila I..., é Vila Isabel, professora? É Vila Isabel?” Diante de minha afirmativa, Seu Augusto, um pernambucano de 60 anos, ao terminar de ler o destino do ônibus, com lágrimas nos olhos, fitou os passageiros que aguardavam o transporte coletivo e, em meio a pulos, com o punho fechado erguido pra cima, começou a gritar: “Eu sei ler!!!! Eu sei ler!!!!” Para algumas pessoas que presenciavam a manifestação de meu aluno, a felicidade expressada por ele podia parecer exagero. Porém, a possibilidade de saber o itinerário de um ônibus, sem precisar usar a desculpa do esquecimento dos óculos ou admitir o fato de não ser alfabetizado, era algo libertador para Seu Augusto, como tantas vezes ele falou em sala de aula. Envolveria não só a capacidade de ler e escrever, mas acima de tudo possibilitava sua autonomia e a ruptura com processos de interdição.

Passadas mais de duas décadas, eu ainda me emociono ao relatar o que vivi, naquele dia, na posição de professora alfabetizadora, que acompanhava a luta diária de operários jovens e adultos para garantir o direito à educação. Reflito que algumas situações vividas por pessoas não alfabetizadas, muitas vezes, marcadas pela dor, vergonha, angústia e humilhação, não são possíveis de ser sentidas

pelos pessoas alfabetizadas. Como alguém que tem autonomia com a linguagem escrita, posso até dizer que imagino, entendo, compartilho a angústia vivida por elas, mas só elas podem sentir na carne o que é, em determinados momentos, serem tratadas como incapazes, como aquelas que nada sabem. Sentem na pele o que é ser colocadas numa posição subalterna, à margem, ainda que essa margem faça parte da sociedade.

Hoje, como coordenadora do Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos, ao atuar com a formação de novos alfabetizadores, observo meus alunos vivenciando emoções semelhantes as que eu vivi. Percebo a emoção, o encantamento dos alunos com a prática educativa e a ampliação do entendimento do que é o processo alfabetizador. A alfabetização é muito mais que o ato de ler e escrever. Em nossa sociedade, ela está intrinsecamente relacionada com o binômio saber-poder, pois mais que um meio de comunicação, a linguagem é também o meio de construirmos os significados daquilo que comunicamos. Nesse sentido, a alfabetização se constitui como uma “faca de dois gumes”, pois tanto pode ser brandida em favor da emancipação, do crescimento social e cultural, como para a perpetuação das relações de desigualdade e dominação.

De acordo com os últimos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente, no Brasil, 8% da população acima de 15 anos de idade é de analfabetos absolutos. Porém, se considerarmos também os chamados analfabetos funcionais, ou seja, aquelas pessoas que não conseguem compreender o que leem ou que entendem alguma coisa, mas são incapazes de interpretar e relacionar informações, esse percentual é muito maior. Não raro ainda encontramos em sala de aula do Ensino Médio alunos que não conseguem explicar o que acabaram de ler. Esses dados refletem as desigualdades socioeconômicas históricas no País e vão interferir, significativamente, nas relações sociais e na organização de uma sociedade democrática.

Diante disso, a alfabetização não pode ser tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas, sim, como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído. A alfabetização é um ato de conhecimento, de criação e não de memorização mecânica. (Freire, 1994). Não podemos permitir que nossa população tenha de aguardar mais de seis décadas de vida para, tal como Seu Augusto, liberar da garganta o grito libertador: “Eu sei ler!!!! Eu sei ler!!!!” Grito este, que mais que anunciar uma novidade, anuncia a ruptura com a interdição e, ainda, a possibilidade de emancipação social e cultural.

DIVULGAÇÃO



“

A alfabetização não pode ser tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas, sim, como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade.”

# Precisamos falar de sífilis

## Aumentam os casos de infectados e o tratamento é gratuito pelo SUS

**HÉLIO EUCLIDES**

A automedicação é um perigo e pode levar à morte, em alguns casos. A conversa ao pé do ouvido com o atendente da farmácia, atrás de um paliativo para qualquer doença não é indicado para ninguém. No caso da sífilis, o risco ainda é maior. A doença sexualmente transmissível é causada por uma bactéria, a **Treponema pallidum** e tem três estágios. No primeiro surge uma lesão, parecida com uma verruga, chamada de cancro, nos órgãos sexuais ou na boca. Com o não tratamento, a doença vai para a segunda fase, com lesão na pele, em geral, nas palmas das mãos e nas solas dos pés. A última fase, que pode levar à morte, as lesões são internas, mais tradicionalmente no cérebro. “O diferencial é tratar logo no primeiro estágio. A cura vem com tratamento no SUS (Sistema Único de Saúde), e nunca na farmácia. Não existe vacina para a bactéria; a cura só vem com o tratamento”, comenta **Rosana Neves Tubarão**, médica de família, do Centro Municipal de Saúde Samora Machel.

Segundo dados do último Boletim Epidemiológico de Sífilis, entre 2014 e 2015, a sífilis adquirida teve um aumento de quase 33%; a sífilis em gestantes 21% e a congênita, em que a mãe passa para o bebê, aumentou 19%. Dados da Secretaria Municipal de Saúde revelam que, em 2016, a taxa de detecção de sífilis na gestação por mil nascidos foi de 44,92%. No mesmo ano, a taxa de incidência de sífilis congênita por mil nascidos vivos foi de 18,30%. A cura é com o uso de Penicilina benzatina, popularmente conhecido por injeção de Benzetacil. “Esse antibiótico foi o primeiro que surgiu no mundo. O tratamento é feito em três semanas, com duas injeções semanais”, revela a médica. Ao desconfiar da contaminação, o paciente procura o SUS, que oferece os testes gratuitamente. Há o rápido, com resultado na hora. O de sangue, para saber a titulação da doença, e o teste FTA-ABS, que verifica a presença da bactéria. “Qualquer pessoa da Maré pode vir fazer o Teste Rápido, é tudo sigiloso”, explica Rosana.

A bactéria também aparece em mulheres grávidas. “Importante o tratamento da gestante, pois a bactéria ultrapassa a barreira da placenta, e o bebê, se contaminado, pode ter sequelas neurológicas. Mas com o pré-natal no início da gravidez é possível detectar a doença logo no começo e, com o tratamento, tanto a gestante quanto a criança ficam

bem”, destaca Rosana. A Maré tem muitos casos da doença, e não são poucas notificações na gravidez.

A prevenção é o melhor remédio. “Ter relações sexuais apenas com o uso de preservativo. Nossa unidade de saúde tem um display, onde cada um pega quantos quiser, não precisa pedir, é gratuito”, avisa a médica. “Não pode parar de usar camisinha, não conhecemos o parceiro. Hoje quem vê cara não vê coração, a pessoa ter uma fisionomia boa não significa nada. Leve o seu preservativo para casa, não confie na camisinha dada por outra pessoa, pode estar furada. Leve na bolsa e na carteira, para uso a qualquer momento”, adverte Bruna de Lima, técnica de enfermagem.

Importante, no caso de um parceiro conhecido, é tratar o casal. “O tratamento tem de ser feito na pessoa que procurou o médico e no seu companheiro ou companheira, pois a doença é uma teia. O complicado é convencer o companheiro, que muitas vezes acusa a mulher de traição, tirando seu corpo fora”, critica Rosana. Uma vez por ano tem no Programa Fique Sabendo uma mobilização de combate à sífilis na Maré. “Há campanhas no final do ano, e como os casos são muitos, nesse período não paramos, é o dia inteiro aplicando injeção”, conta Marilza. As duas profissionais avisam: o paciente que ficou curado pode ter a doença novamente, então mais um motivo para se prevenir sempre. Em caso de dúvidas, é só comparecer a uma unidade de saúde e conversar com o profissional para realizar o Teste Rápido.

### UNIDADES QUE FAZEM TESTE DE SÍFILIS

- CMS João Cândido - Avenida Lobo Junior, 83, Marcílio Dias
- CMS Américo Veloso - Rua Gerson Ferreira, 100, Praia de Ramos
- CMS Parque União - Rua Ari Leão, 33
- CMS Hélio Smidt - Rua Tancredo Neves, s/nº, Rubens Vaz
- CMS Samora Machel - Rua Principal, s/nº, Baixa do Sapateiro
- CMS Nova Holanda - Rua Ivanildo Alves, s/nº
- CMS Vila do João - Rua 17, s/nº
- CF Augusto Boal - Avenida Guilherme Maxwell, 107, Morro do Timbau
- CF Adib Jatene - Avenida Bento Ribeiro Dantas, s/nº, Vila dos Pinheiros

FOTOS: ELISÂNGELA LEITE



“

O diferencial é tratar logo no primeiro estágio. A cura vem com tratamento no SUS (Sistema Único de Saúde), e nunca na farmácia. Não existe vacina para a bactéria, a cura só vem com o tratamento”

**ROSANA NEVES TUBARÃO**  
MÉDICA DA FAMÍLIA

# Desculpe o transtorno, estamos em obras

## Após um ano paradas, as obras do BRT Transbrasil são retomadas

O *Bus Rapid Transit*, mais conhecido pela sigla BRT, que na tradução significa Transporte Rápido por Ônibus, teve sua obra retomada na Avenida Brasil. A Transbrasil, com orçamento contratual de 1,4 bilhão de reais, começou as obras em janeiro de 2015. O prazo para o término do corredor expresso era até o fim de dezembro de 2016, fim do mandato do prefeito Eduardo Paes. Acabou sendo suspensa em julho do ano passado para evitar transtornos ao trânsito durante as Olimpíadas Rio 2016. A obra deveria ter sido retomada após as Paralimpíadas, em setembro de 2016, o que não ocorreu. O corredor terá 32 quilômetros de ônibus expresso e ligará o Centro da cidade a Deodoro.

Quem circula pela Avenida Brasil deve ter reparado os engarrafamentos diários que mexem com a vida do carioca. “Talvez fosse a solução se implantado nos anos 1980, quando a cidade começou a sua consolidação, em especial a Zona Oeste. Essa seria uma demanda, mas 30 anos depois, os BRTs são obras tardias. Além de serem projetos que trouxeram remoções, em virtude de exploração imobiliária”, revela **Jorge Luiz Barbosa**, geógrafo e diretor de cultura do Observatório de Favelas.

A obra agora segue em frente à Praia de Ramos, com diversas máquinas retirando asfalto, operários a refazê-lo e inúmeros caminhões de materiais, todos com a inscrição “terra prometida”. Para Jorge, a obra não vai trazer nenhuma terra prometida. “A mobilidade é um direi-

to universal, uma forma de acessar a saúde, educação e cultura. Essa extensão pela cidade não foi associada à questão da locomoção, que há 50 anos só vem aumentando o período em que o passageiro fica dentro do ônibus, hoje de duas a três horas”, detalha.

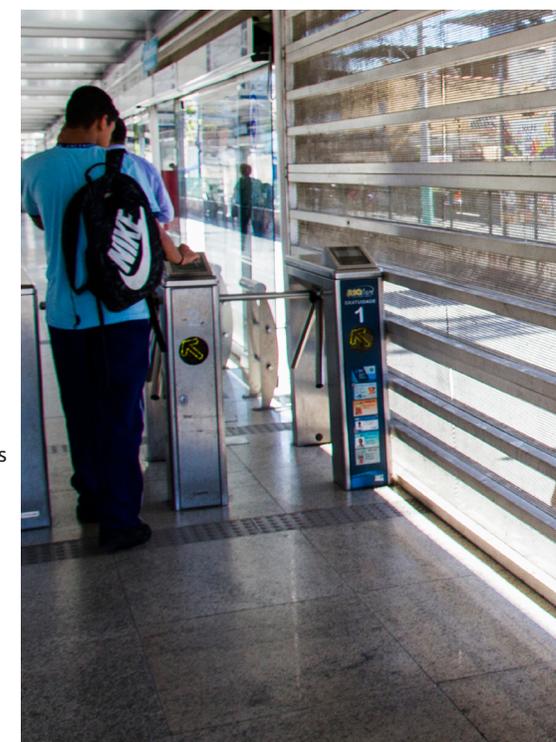
Após a conclusão, a expectativa da Prefeitura é que sejam atendidos 900 mil passageiros por dia, sendo o BRT que provavelmente terá maior demanda entre os outros três já implantados. Os quatro BRTs juntos terão 178 km de corredor para ônibus articulados. “O BRT veio para suprir a fragmentação da cidade, mas veio junto o monopólio territorial. Nasceu pela função de estar junto à copa e às olimpíadas. É um serviço público, realizado por particulares, nas mãos das concessionárias. É um

transporte que, no futuro, pode ficar sucateado, como o metrô, que não supre as necessidades de integração”, prevê.

Jorge acredita que para o transporte público funcionar é necessário integração. “O primeiro BRT nasceu em Curitiba, mas não deu certo, pois não acompanhou o crescimento da cidade. O transporte público precisa ter uma integração de fato, se materializar com as ciclovias, barcas e ônibus convencionais, ampliando a locomoção e oportunidade na cidade. O sistema precisa ter uma ligação modal, hoje ele funciona para si mesmo”, avalia. Ele entende que a favela precisa estar integrada ao corredor. “Quando começou o projeto da Transbrasil, não se falava em estação, a favela ficava de fora, seria um corredor ligando um ponto a outro, sem paradas. Não é só ônibus maiores e novos, é preciso ter uma ligação com as comunidades. É preciso uma cidade compartilhada e, não, fragmentada”, afirma. Ele exalta que o transporte precisa ser pensado para o ser humano e como



A estação do BRT Maré já está em funcionamento, mas já tem reclamações de usuários.



A máquina para a aquisição de bilhetes vive com defeito e no guichê (à direita) o usuário só pode colocar R\$10,00 de recarga.

sujeito de direitos. “Era necessário investir no sistema hidrovial, com estações no Fundão, na Praia de Ramos e Penha, relembrando os portos e investimentos no litoral norte, algo eficaz e racional”, conclui.

### Os problemas nas estações do BRT que já estão em funcionamento

Para a compra do bilhete ou recarga do cartão RioCard, o passageiro utiliza a máquina ou o guichê. Nas duas opções, o usuário pode não conseguir o seu objetivo. Quem utiliza as estações reclama das máquinas sempre com defeito e, no guichê, da recarga máxima ser de apenas 10 reais – o que corresponde a duas passagens. “No dia anterior a máquina estava quebrada, aqui na estação Maré. Esse sistema está horrível. Às vezes tenho de ir para outra estação para colocar crédito”, desabafa **Maria do Socorro Sousa**, moradora do Parque União.

Outro problema é a falta de orientação sobre a utilização da máquina. **Eliete Santos**, moradora do Rubens Vaz, não conseguiu manusear o equipamento e desistiu. “Quería colocar 40 reais, mas vou para o guichê e ficar com menos da metade. São algumas dificuldades, como a distância. Outro dia, coloquei a recarga no guichê e quando cheguei na roleta não tinha entrado, então tive de voltar para recla-

mar. Falta até equipamentos, antes eram duas, agora ficamos só com uma”, revela.

Na estação Santa Luzia, em Ramos, também há reclamações. “Quase todo dia uso essa estação e o serviço. O equipamento do RioCard vive com defeito e, no guichê, um valor irrisório”, detalha **William Domingos**, morador do Conjunto Pinheiros. Esses transtornos atrapalham a vida dos usuários. “O serviço oferecido é horrível, um sistema lento. Quero colocar mais dinheiro e não consigo. Já fiquei na mão por causa disso”, confessa **Joel de Jesus**, morador de Ramos.

Funcionários das estações disseram que, muitas vezes, a máquina trava por falta de retirada de valores. Outro problema apontado é o calote constante, com quebra de dispositivos e portas de vidro. Eles acreditam que o serviço fica inferior, com gastos extras com os consertos. E o prejuízo fica para os usuários que usam a roleta. “Penso que os que entram por fora, para não pagar a passagem, são pessoas com problemas financeiros. Só que o risco de serem atropelados pelo ônibus é grande”, adverte **Juliana Monteiro**, moradora de Nova Holanda.

A Secretaria Municipal de Transportes respondeu que já tomou conhecimento desta questão e enviará uma equipe nas estações citadas

para uma vistoria e tomar medidas cabíveis para que o serviço seja prestado de forma satisfatória para os usuários.

### As estações do BRT na Maré

A obra do BRT Transbrasil está na fase do asfaltamento, mas uma estação teve o seu início realizado e interrompido. “Entramos em contato com a concessionária sobre o abandono da estação em frente à Vila do João. Eles fizeram a limpeza do ambiente e prometeram retomar as obras. Aqui será a maior estação, a mais próxima da Linha Amarela. Acredito que, após a conclusão, o trânsito vai melhorar”, anuncia **Paulinho Esperança**, diretor social da Associação de Moradores da Vila do João.

Essa estação já teve uma polêmica, se terá o nome de Vila do João ou Fiocruz. “Entendo que no futuro terá de ter uma discussão sobre o nome das estações. Os presidentes de associações vão se reunir para entrar num consenso sobre os nomes a indicar das estações que funcionarão nas passarelas 6, 8, 10 e 12”, observa Paulinho.

A Secretaria Municipal de Urbanismo, Infraestrutura e Habitação confirmou que serão 18 passarelas/estações e que, no momento, os nomes não estão definidos.

### É pau, é pedra, é o fim do caminho

Em todos os lugares da Avenida Brasil que terão uma estação, as passarelas fixas foram substituídas pelas feitas de andaimes e madeiras. “O que fizeram foi péssimo. Montaram uma passarela próxima a fios e depois maquiaram com canos separados. Outro problema é a descida íngreme, o medo é derrapar, imagine um cadeirante. A passarela balança de um lado para o outro na hora do rush. Quando passo, peço a Deus para não cair”, desabafa **Raquel Mattos**, professora na Praia de Ramos, sobre a passarela 12.

A nova passarela não agradou. “Está feia, ainda bem que é provi-

sória. Apesar de que montaram em frente ao Conjunto Esperança como provisória e está até hoje”, lembra **Naid do Nascimento**, moradora da Praia de Ramos. As reclamações são inúmeras. “Essa passarela é horrível, não tem iluminação e as rampas são muito inclinadas, já vi idosos caírem”, denuncia **Susana França**, também moradora da Praia de Ramos.

A Secretaria Municipal de Urbanismo, Infraestrutura e Habitação informou que a principal melhoria do BRT será na acessibilidade, com transporte público e passarelas. Além disso, há melhorias no sistema de drenagem nos locais da obra.

“A mobilidade é um direito universal, uma forma de acessar a saúde, educação e cultura. Essa extensão pela cidade não foi associada à questão de locomoção, que há 50 anos só vem aumentando o período em que o passageiro fica dentro do ônibus, hoje de duas a três horas”.

**JORGE LUIZ BARBOSA**  
DIRETOR DO OBSERVATÓRIO DE FAVELAS



ELISÂNGELA LEITE

# Viver sem temer

## Juíza determina que viaturas deverão ter câmeras e GPS na Maré

JOÃO KER

**E**m 27 de junho, a Juíza **Ana Cecília Argueso Gomes de Almeida**, da 6ª Vara da Fazenda Pública do Estado do Rio, acatou uma Ação Civil Pública que tem o potencial de mudar a realidade de quem mora na Maré. Ela tomou uma decisão que é um marco histórico no País: no prazo máximo de seis meses, o Estado deve criar um plano efetivo para reduzir o número de vítimas durante as operações policiais na região. Por meio de um sistema de monitoramento com câmeras, GPS e áudio em todas as viaturas da PM, além da presença obrigatória de ambulâncias durante o cumprimento de todas as operações policiais na Maré (que deverão ser cumpridas durante o dia, salvo em situações de flagrante, delito ou desastre). A decisão abre um precedente inédito na relação entre a comunidade e o poder público, com o potencial de garantir um futuro melhor para os mais de

140 mil habitantes que ali moram e também para outras comunidades que podem lutar pelo mesmo direito.

### Histórico da inédita conquista

A história dessa conquista dos moradores das 16 favelas da Maré começou ainda em junho de 2016. Quase um ano atrás, a comunidade passava pelo terror de mais uma operação policial às pressas e de maneira inconsequente: estudantes se espalhavam pelo chão de escolas, moradores estavam impedidos de circular pelas ruas e até os trabalhadores que precisavam voltar para casa se viram presos na região em mais um dos vários fogos cruzados entre policiais do BOPE e grupos civis armados. A situação precária se alongava pela madrugada e já havia feito vítimas fatais, até que presidentes das Associações de Moradores, representantes de ONGs, como a **Redes da Maré** e a **Luta Pela Paz** foram ao Plantão Judiciário solicitar a suspensão desse tipo de atuação policial. Isso resultou em uma liminar que proibiu buscas domicilia-

res noturnas. Dessa liminar, uma ação civil pública foi instaurada com o apoio do **Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos da Defensoria Pública**. “Havia uma agente comunitária baleada, outro homem morto por bala perdida e os moradores não sabiam a quem recorrer. Nós então nos unimos e fomos ao plantão judiciário pedir a suspensão do cumprimento dessa ordem em período noturno”, explica **Daniel Lozoya Constant Lopes**, um dos defensores públicos à frente da Ação Civil. Em 18 de outubro, porém, esses agentes comunitários voltaram a se reunir para apresentar uma proposta mais concreta e que não tivesse apenas efeitos imediatos, mas garantisse os direitos dos moradores da periferia em longo prazo. E então começaram a surgir os esboços para aquela que se tornaria a Ação Civil aprovada neste ano. “Junto com a Defensoria Pública, tentamos responsabilizar o Estado por essas ações da PM. Dessa forma, colocamos a responsabilidade nas costas de quem permite que esses crimes aconteçam. Pensamos no que poderia ser feito para reduzir danos. Ambulâncias e câmeras são objetivas, mas questões de planejamento podem e devem ser realizadas. Como fazer uma operação militar no meio da tarde, com 12 mil crianças em colégios da Maré?”, questiona **Lidiane Malanquini** (29), coordenadora do Eixo de Segurança Pública da Redes da Maré.

Um fator primordial para entender qual a forma melhor de ajudar a população da Maré foi focar não no policial que infringe a lei durante as intervenções policiais, mas, sim, no Estado que permite e não pune tal infração. “A gente exige mais fiscalização e mais prestação de contas. Pedimos até que tivesse um superior hierárquico para fiscalizar essas ações em tempo real”, comenta Daniel. Entretanto, ele reconhece que o trabalho para garantir que essas mudanças sejam efetuadas ainda é longo. “Agora, temos de cobrar das autoridades superiores, de quem está lá na alta cadeia hierárquica. Os policiais também têm responsabilidade, mas temos de pressionar seus superiores”. “É de fato inovador que tenha saído uma decisão como essa, uma ferramenta de luta para influenciar as políticas públicas. É uma decisão judicial, então você tem de cumprir”, argumenta **Lola Werneck** (30), coordenadora da Liderança Juvenil na **Luta Pela Paz**.

“

Concordo com a Ação Civil, porque tem muita covardia durante as invasões da polícia. Eles entram nas casas das pessoas, reviram tudo e batem nos moradores. Acho que, para entrar na casa de alguém, eles devem ter algum tipo de alvará ou autorização. E, também, quando for procurar alguém tem de ir com um destino certo, não sair dando tiro para tudo quanto é lado, como eles fazem.”

**JEFFERSON FERREIRA**, 33 anos, gerente de supermercado.

“

Eu não concordo com a Ação. Sabe por quê? Porque exigir que tenha ambulância é já pressupor que vão ter feridos, e eu não acho isso certo. O problema todo é político. Enquanto não mudar a base, isso vai continuar estourando para cima da gente, porque a questão é bem maior. Hoje, vivemos um colapso político e social – estamos completamente à deriva. E isso não é um fato isolado, é resultado de uma má gestão que começa lá em Brasília.”

**IANETE**, 48 anos, professora e comerciante.



### O poder da denúncia

É impossível negar que os moradores precisaram de uma dose extra de coragem para se posicionarem contra o sistema e fincarem o pé no chão naquilo que diz respeito ao direito básico de uma vida digna e segura. Aí, mais uma vez, veio o papel das ONGs. “São poucos os que chegam a denunciar, porque muitos deles têm medo de serem perseguidos. De tudo o que acontece, 10% das pessoas chegam a falar com a Redes e, desses, só uns 2% denunciam de verdade”, comenta o **Sr. Vilmar Gomes** (53), Presidente da Associação de Moradores de Rubens Vaz. Morador da Maré desde quando tinha oito anos de idade, há 25 ele atua como um dos principais líderes comunitários na região. Parte fundamental do grupo responsável pela pressão popular sobre a Ação Civil, ele conta que desde quando chegou à Maré, a Polícia abusa do poder e faz vítimas durante suas operações. Um quadro que, ele observa, tem piorado nos últimos anos. “Vir para reprimir o tráfico é uma coisa. Agora, o que eles estão fazendo é covardia com os moradores e até roubando. Sem falar nas balas perdidas, todas as vezes!

A cada dia que passa, as operações estão mais violentas”, reclama.

Vilmar, mais conhecido como Magá, conta que a sua própria casa já foi invadida em uma ocasião e os policiais, ao não encontrarem nada de incriminador, saíram dali levando todo o estoque de produtos de beleza que a sua esposa revendia, mais R\$200 que estavam guardados na gaveta da cômoda. Apesar de reconhecer o rosto dos oficiais, ele diz que não prestou queixas naquela época por saber da impunidade com que o caso seria tratado. Hoje, entretanto, ele diz que agiria diferente. “Depois dessa parceria com a Redes, nós estamos orientando e conversando com os moradores para que eles não fiquem calados. Tem de fazer a ocorrência, porque quanto mais fizer, mais eles vão ficar sabendo”, diz, referindo-se aos órgãos públicos.

As denúncias oficiais também contribuíram no embasamento legal necessário para a Ação Civil Pública. Mas, antes que elas fossem protocoladas, foi necessário esclarecer que, mesmo com o resultado não vindo de imediato, ela era imprescindível em longo prazo. “Nosso trabalho é muito de fomentar o ato da denúncia. Porque se não tem registro, é como se

não tivesse acontecido, e daí não podemos fazer nada para mudar essa realidade”, aponta Lidiane. Ela frisa a importância do Maré de Direitos no atendimento e acompanhamento jurídico desses casos, prestando de forma gratuita todo o auxílio necessário para que os moradores possam expor os problemas enfrentados sem sofrerem retaliações. “Quando você formaliza, existe automaticamente o registro de ocorrência, que também passa pela Defensoria e pelo Ministério Público. Ou seja, no mínimo três órgãos do sistema judiciário ficam cientes do caso”, esclarece.

Entre os jovens que atuam na Luta Pela Paz, a realidade é similar e o encorajamento por parte dos voluntários é incansável. “A maioria deles tem medo de fazer essa denúncia porque muitas delas não vão adiante. Então, há uma descrença generalizada em relação aos direitos que a população tem frente à polícia. Eles pensam: ‘Vou denunciar, vão invadir de novo e eu vou estar sozinha’. Por isso que trabalhamos muito com a resiliência do que é possível fazer e do que está sob a nossa responsabilidade”, conta Lola.

A Ação Civil Pública começa a vigorar em seis meses, provavelmente apenas no início do próximo ano, levando em conta que o

“

“O problema é a corrupção dentro da polícia. Quando acabar com isso, melhora. Eles querem pegar bandido, mas só porque ganham dinheiro assim. O trabalhador que não tem como pagar nada acaba tomando bala. Na Zona Sul eles não fazem isso. Por quê? Porque lá tem filho de promotor, de juiz... O governo precisa mandar alguém pra reunir todo mundo, ouvir o que a gente tem para falar e acreditar nisso.”

**PAULO CÉSAR**, 45 anos, farmacêutico.

Estado ainda deve recorrer contra a ordem. Ainda assim, ninguém pretende ficar parado e de braços cruzados até lá. “Nós nos encontramos com o Ministério Público e, mês que vem, temos uma reunião com a Defensoria. No mês seguinte, será com a Secretaria de Segurança. A ideia é fazer uma grande audiência, reunindo todo mundo e permitindo que os moradores da Maré façam propostas objetivas”, explica Lidiane. E, como diz o próprio Sr. Valmir: “a gente está nessa luta e não pode parar”.

“

“Acho que com as câmeras e o GPS a situação vai melhorar, porque pelo menos vão saber por onde [os policiais] andam. Mas não acho que a violência vá diminuir – só no dia que a imprensa filmar tudo o que eles fazem. A bala do policial não tem destino, pode atingir qualquer um. Toda vez que eles invadem a favela, eu preciso fechar as portas da minha loja. A gente [os vendedores] abre depois, porque é nosso compromisso, mas não fica ninguém na rua. Não tem clima. A Maré não é um lugar ruim, só está abandonada.”

**MARLENE LIMA**, 51 anos, comerciante.

# O vício do celular

Os *Smartphones* são o principal meio de acesso à Internet e prendem a atenção dos brasileiros

## ROBERTO DE OLIVEIRA

No século XXI, o melhor amigo do homem não late e nem abana o rabo para o dono. Ele nem sequer tem vida própria, mas influencia, e muito, a vida dos seres humanos. O mais novo amigo do homem se chama Smartphone e conecta as pessoas ao redor do mundo com um simples clique ou o deslizar de dedos. O primeiro aparelho inventado, em 1994, não tinha ainda esse nome, mas era um celular que tinha calendário e podia ser usado para tomar notas, enviar e-mails e mensagens. Os de hoje fazem tudo isso e muito mais.

A praticidade dos Smartphones, com programas chamados “aplicativos”, deixou para trás as linhas de telefone fixo. Com eles pagamos contas, enviamos nossa localização, nos desviamos dos engarrafamentos, compramos mantimentos e também nos divertimos enquanto esperamos na fila. Enfim, não podemos mais abrir mão do aparelho. Aqui no Brasil, o uso é diário e constante. Por meio de uma pesquisa realizada com 52 milhões de usuários de Smartphones de nove países, o Android (sistema operacional desenvolvido pela empresa de tecnologia Google) mostrou que, nós, brasileiros, usamos em média 29 aplicativos diferentes por mês em nossos te-

lefones inteligentes (tradução de Smartphone), enquanto a média mundial é de 27. O Messenger e WhatsApp são os mais utilizados, e gastamos cerca de 3 horas e meia do nosso dia olhando para a tela do celular. A previsão é de que até o fim deste ano haverá, no Brasil, um aparelho por habitante (em outubro serão 208 milhões de Smartphones em funcionamento).

### A síndrome do Pescoço Tecnológico

É uma relação tão frequente que a Organização Mundial da Saúde (OMS) alerta que estamos virando a Geração Cabeça-Baixa e chama a atenção para a postura corporal, pois ao curvarmos a cabeça tantas vezes para usar o aparelho, podemos desenvolver dores nas costas, problemas na coluna cervical e outros malefícios para o corpo. O problema é tratado pela OMS como epidemia, e chama a síndrome de Pescoço Tecnológico. Um estudo realizado em 2014, no Centro Médico de Cirurgia Espinhal e Reabilitação de Nova Iorque, mostrou que, ao usar o celular com a cabeça baixa, a maioria das pessoas projeta os ombros para frente. Levando em conta que a cabeça de um adulto pesa entre 5 kg e 8 kg, à medida que a cabeça dobra para frente e para baixo, a pressão sobre a coluna cervical aumenta. A tensão provocada pode causar lesão de algum nervo, hérnias de disco e dores nas costas e no

pescoço. Em crianças e jovens, a postura errada pode comprometer o crescimento.

No dia a dia é melhor deixar o aparelho na altura dos olhos, apoiar o braço em uma superfície estável e fazer exercícios de alongamento para aliviar a tensão no pescoço, como o movimento de “sim” e “não” com a cabeça.

### O perigo de usar os Smartphones ao volante

Como o aparelho está sempre por perto e ao alcance das mãos, seu manuseio em momentos impróprios pode tornar-se um perigo. No trânsito cada vez mais lento, é comum encontrar motoristas dando uma espiada no telefone ou respondendo mensagens e até postando fotos no Facebook enquanto estão dirigindo. A pé, os mais “conectados” chegam a atravessar ruas e andar pelas calçadas teclando. Especialistas dizem que tirar os olhos da estrada por apenas dois segundos e meio já é o suficiente para aumentar em 400% o risco de provocar um acidente.

Segundo o Seguro DPVAT (Seguro de Danos Pessoais por Veículos Automotores de Via Terrestre), há no Brasil mais de 1,3 milhão de acidentes relacionados ao uso do Smartphone, por ano. Só em São Paulo, por dia, são autuados 320 motoristas por esse motivo.

Em maio de 2016, a multa para quem fosse pego falando ou manuseando o Smartpho-

ne passou para R\$293,47 (duzentos e noventa e três reais e quarenta e sete centavos), uma infração considerada gravíssima. O DPVAT recomenda não atender o celular ao atravessar a rua. Nesse caso, é melhor esperar, cruzar a rua e procurar um local mais tranquilo.

### Estratégia para promover seu negócio

Com a popularidade do Smartphone e seus variados aplicativos, as possibilidades de compra e venda de serviços e produtos também se tornaram muito maiores. Como boa parte do público acessa as redes sociais, as empresas perceberam a importância de se aproximar do consumidor pela Internet. Hoje, nove em cada 10 empresas brasileiras utilizam as redes sociais como estratégia para promover a imagem do negócio. As redes sociais mais usadas pelas empresas são o Facebook, o Instagram, o LinkedIn e o Twitter.

**Carlos Eduardo Francisco**, de 40 anos, sócio de uma hamburgueria artesanal na Zona Norte do Rio, paga uma profissional de comunicação para administrar o perfil da lanchonete nas redes sociais. “A cada promoção lançada no Facebook eu vejo o retorno, vem mais gente à loja e os pedidos por telefone também aumentam”, afirma o empresário, que também vende por um aplicativo exclusivo para compra de comida. “É o meu maior movimento durante a semana”, comenta.

### O uso indiscriminado na infância pode ser um problema

O comportamento das crianças com os pais também pode ser influenciado pela forma como os adultos lidam com

a tecnologia. Ao interromper momentos “analógicos” de lazer com os filhos, os pais transmitem a mensagem que os seus negócios são mais importantes que a interação com os pequenos e a resposta para chamar a atenção dos pais pode vir em forma de pirraça, hiperatividade e outros distúrbios. A pediatra **Andreia Cardoso Fernandes** diz que já recebeu crianças em seu consultório se queixando de pais que não abandonavam o celular para dar atenção a elas. “Virou um mal necessário, mas tem de tentar usar de uma forma benéfica, e eu acho que isso não está acontecendo”, diz a médica.

Por outro lado, a exposição precoce e excessiva à Internet e aos jogos de celular também é prejudicial, mas como fazer para que os pequenos não imitem a maioria dos adultos? A pediatra diz que, antes dos dois anos de idade, não é recomendável dar nem tablet e nem celular para a criança, pois causa agitação psicomotora e diminui a capacidade de concentração. Depois disso, vale o controle do tempo de uso.

ELISÂNGELA LEITE



“

Virou um mal necessário, mas tem de tentar usar de uma forma benéfica, e eu acho que isso não está acontecendo”.

**ANDREIA CARDOSO FERNANDES**

MÉDICA

A postura inadequada de abaixar a cabeça para vermos o celular já é considerada epidemia e tem nome: “Síndrome do Pescoço Tecnológico”

**Carlos Nepomuceno**, professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso, e analista estratégico de macrotendências digitais respondeu, para o Maré de Notícias, algumas perguntas sobre a mudança de comportamento da atual sociedade.

**Por que as pessoas estão tão ligadas no celular?**

**CN** - É uma ferramenta que veio para ficar e resolver um conjunto de problemas das pessoas, mas tem outra questão que é conjuntural: a gente está se apaixonado pelo celular e criou por ele uma espécie de compulsão. Já tem restaurantes onde as pessoas deixam o celular numa caixa para poderem conversar na mesa. Isso também aconteceu com os livros, com o rádio e a televisão. É uma primeira fase da chegada dessa tecnologia, quando as pessoas ficam muito ligadas e talvez seja uma questão educacional e cultural que precisa ser trabalhada.

**Qual a importância do Smartphone no mundo atual?**

**CN** - O celular/Smartphone é uma ferramenta interessante. Com ele você tem comunicação em todos os lugares, em todas as situa-

ções, e isso cria uma descentralização muito grande do acesso e da produção de informação. Com esse grande acesso, a gente está criando um novo modelo de organização, de comunicação e pode-se dizer que também se cria um novo modelo de civilização. Toda vez que aumenta radicalmente a população do planeta, a gente tem necessidade de criar novas mídias pra resolver novos problemas que esse aumento da população traz pra humanidade.

**E as pessoas que não estão usando, como ficam?**

**CN** - Isso é um problema sério. Talvez no novo milênio, seja a questão principal do ponto de vista da inclusão social. A gente caminha cada vez mais para a educação e a participação política serem feitas com esse equipamento. Eu diria que é uma coisa fundamental para quebrar barreiras que a gente tem, projetos que permitissem às pessoas terem acesso a esse aparelho que passou a ser um diferencial na vida de todo mundo, tanto do ponto de vista pessoal, quanto profissional.



## PROGRAMAÇÃO

### 06/08 (DOMINGO), 14h

- Roda de Samba com o grupo ÉPRETA e feijoada + DJ

### 11/08 (SEXTA-FEIRA), 21h

- Favela Rock Show (shows com três bandas) + DJ e VJ

**TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA**

## ATIVIDADES REGULARES

### • PROJETO NENHUM A MENOS

De segunda a sexta, para crianças de 6 a 12 anos. 1ª turma: 15h às 16:30h; 2ª turma: 16:30h às 18h

### • LABORATÓRIO VIVO MUDA MARÉ

Todas as sextas-feiras, das 15h às 18h

### LONA CULTURAL HERBERT VIANNA

FICA NA RUA IVANILDO ALVES, S/Nº MARÉ. TELEFONE: (21) 3105-6815

📍 /LonaCulturalDaMaré  
 producaolonamare@gmail.com



CENTRO de  
ARTES DA MARÉ

## PROGRAMAÇÃO

### 05/08 (SÁBADO)

- Ocupação Marginal, 19h - Grupo Atiro; Resistência CTI (Libertare), Festa de abertura + Nós da Maté - Viradão Cultural

### 08/08 (TERÇA-FEIRA)

- Seminário Tereza de Benguela, 15h

### 11/08 (SEXTA-FEIRA)

- Ocupação Marginal, 19h - Grupo Atiro; Teatro em comunidade (Kd o presidente?)

### 12/08 (SÁBADO)

- Ocupação Marginal, 19h - Grupo Atiro, Bonobambo (Cidade correria)

### 16 A 19/08 (QUARTA A SÁBADO)

- Oficina de Marcenaria, 16 às 19h. Informações sobre inscrições no local ou no facebook.

### 18/08 (SEXTA-FEIRA)

- Ocupação Marginal, 19h - Cia Rec (Acordo), Cia Código (Naquele instante)

### 19/08 (SÁBADO)

- Ocupação Marginal, 19h - Grupo Atiro; Cia Marginal (Eles Não Usam Tênis Nike)

### 22/08 (TERÇA-FEIRA)

- Palestra-aula sobre o livro "Hora da Estrela", de Clarice Lispector, com o escritor Fred Coelho, 18:30h

### 25/08 (SEXTA-FEIRA)

- Primeira turma - Treino Teatro com Mariana Lima, Enrique Diaz e Renato Linhares, 10:30h às 13h

### 25/08 (SEXTA-FEIRA)

- Ocupação Marginal - Grupo Atiro, 20h

### 26/08 (SÁBADO)

- Encerramento Ocupação Marginal, 19h - Grupo Emú (Mercedes); Festa de encerramento

### 29/08 (TERÇA-FEIRA)

- Semana da Visibilidade Lésbica - Rodas de conversas; Exibição de filmes, 10h às 20h

### O CENTRO DE ARTES DA MARÉ

FUNCIONA NA RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ  
 TELEFONE: (21) 31057265

📍 /centrodeartesdamare

**TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA**

# Dia do Rock na Maré

## ROBERTO DE OLIVEIRA

Comemorado todo 13 de julho, o Dia do Rock não passou em branco na Maré. Muito pelo contrário, o preto foi a cor predominante entre os fãs que foram assistir, de graça, os shows no festival Favela Rock. A edição especial levou mais de 500 pessoas pra Lona da Maré, entre elas, **Alana Fernandes**, de 16 anos. Roqueira, filha de guitarrista e vestida de preto, a adolescente conta que, por influência da família, ouve rock desde que nasceu e que ser roqueira é um estilo de vida. “Quando eu não tinha roupas pretas, usava as do meu pai. Hoje, até para o meu trabalho eu vou de preto”, conta Alana, que também toca contrabaixo. O pai, Nando, de 47 anos, é fundador da Brutal Terror, uma das mais antigas bandas de metal da

Maré. “A gente estava parado há quase 15 anos, mas nos reunimos especialmente pra tocar no Favela Rock”, disse o guitarrista, morador da Baixa do Sapateiro. “Como músico, o rock faz parte da minha vida e quando estou tocando posso sentir uma grande energia saindo de mim”, diz **Jobson Oliveira**, guitarrista e engenheiro de áudio.

*Cinco bandas se apresentaram de graça no Festival Favela Rock, no dia 14 de julho*



# Um mosquito incomoda muita gente, vários incomodam muito mais

O pequeno e perigoso mosquito ocupa Praia de Ramos e Roquete Pinto, transmitindo dengue, zika e chikungunya

HÉLIO EUCLIDES

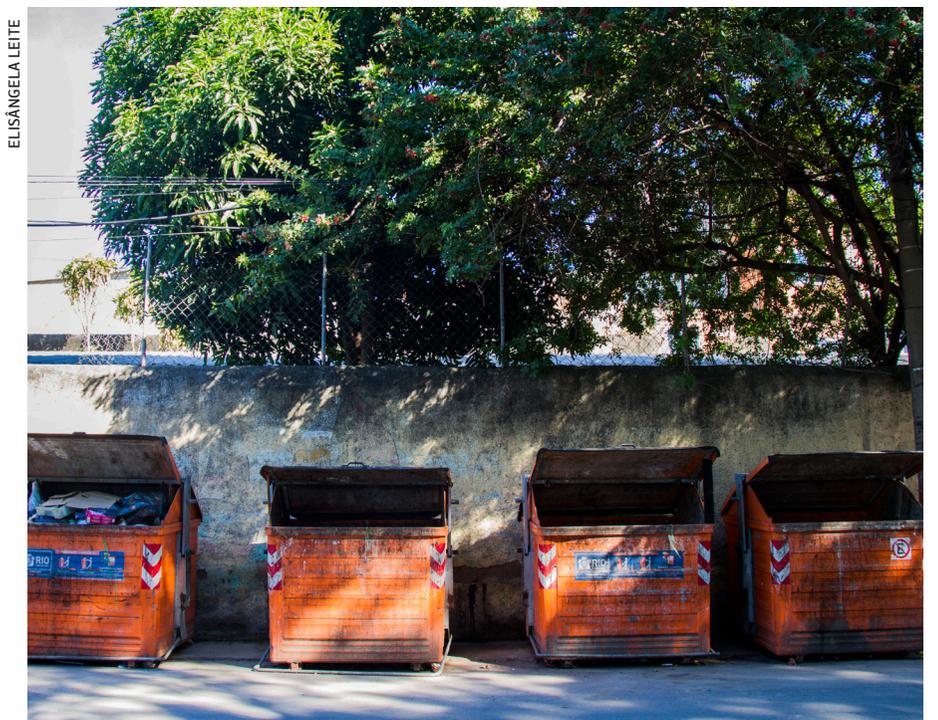
É impressionante o número de mosquitos que voam nas comunidades da Praia de Ramos e Roquete Pinto. Nem a equipe do Maré de Notícias escapou de suas picadas. “Acho que o grande número de mosquitos é motivado pela sujeira nas ruas. Deveria ter mais limpeza e a volta do fumacê”, sugere **Lúcia Lima**, moradora da Roquete Pinto.

Os mosquitos até parecem que desejam estudar, invadiram as escolas. “Para escapar dos mosquitos trabalhamos de calça comprida, meias e fazemos uso de repelentes”, explana **Anna Maria Antunes Braga**, diretora do Espaço de Desenvolvimento Infantil Armando de Salles Oliveira, na Praia de Ramos. Ela acredita que o lixo pode ser o foco. “Encostados ao muro da escola tem quatro latões conhecidos por “laranjões”. Teoricamente, os recipientes teriam o lixo retirado e lavado diariamente, só que isso não acontece. Não recebendo o tratamento de limpeza que deveria, surge o mau cheiro, ambiente desagradável e insalubre. Por outro lado, a Comlurb passa diariamente, mas os moradores jogam o lixo fora do horário, após a coleta”, reclama.

Para Anna, pode existir outro motivo para a proliferação: “o arco abandonado da antiga lona cultural também pode ser o motivo do acúmulo de mosquitos”, conta.

A sua colega de profissão, **Kátia Henriques**, diretora do CIEP Leonel Brizola, na Praia de Ramos, pensa parecido: “a escola fica do lado da sede da Comlurb na comunidade, e isso já é um motivo para o grande número de mosquitos. A maioria dos professores vem trabalhar de calça para não ser picado. Mas não é só nos espaços públicos, há reclamações de muitos mosquitos em casas”, revela.

**Cristiano Reis**, Presidente da Associação de Moradores da Praia de Ramos e Roquete Pinto, está receoso com a proximidade do verão. “Com esse grande número de mosquitos, o maior medo é o acúmulo de água da chuva nas lajes. Aqui tiveram alguns casos de dengue no início do ano, pela falta de conscientização de todos. Não podemos esperar o circo pegar fogo, temos de evitar a doença. Até uma tampinha de garrafa é criadouro do mosquito *Aedes Aegypti*”, informa. Ele concorda com a diretora sobre o abandono da lona cultural. “Acredito que



Os laranjões acumulam lixo e proliferam mosquitos.

a antiga lona acumule mosquitos, pela concentração de objetos espalhados”, desabafa. Segundo Cristiano, a responsabilidade pela antiga lona é da Subsecretaria de Esportes e Lazer.

Sobre os “laranjões” próximos ao muro da escola, Cristiano afirma que a Associação providenciou o

afastamento. A Comlurb informou que os contêineres metálicos (laranjões) são esvaziados diariamente, possuem tampas e há limpeza no entorno, não favorecendo a proliferação de mosquitos. A Secretaria Municipal de Saúde, responsável pelo combate aos mosquitos, comunicou que irá verificar a área.

“

Com esse grande número de mosquitos, o maior medo é o acúmulo de água da chuva nas lajes. Aqui tiveram alguns casos de dengue no início do ano, pela falta de conscientização de todos. Não podemos esperar o circo pegar fogo, temos de evitar a doença. Até uma tampinha de garrafa é criadouro do mosquito *Aedes Aegypti*”

**CRISTIANO REIS**, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA PRAIA DE RAMOS E ROQUETE PINTO

**TEMOS DIREITOS!**

**SOMOS DA MARÉ.**

**O QUE ACONTECEU?**

Em um dia de operação policial, uniformizada e a caminho do colégio, meu amigo e eu fomos abordados por policiais que quiseram revistar meu amigo. Os policiais foram grosseiros e ofensivos com o meu amigo e eu disse que eles não poderiam agir daquela maneira. Neste momento, um dos policiais me agarrou pelo braço e disse pra eu não me meter e nos mandou continuar andando. Meu amigo pegou os pertences dele que tinham sido jogados no chão pelos policiais e fomos embora, muito assustados. Eu estou com o braço roxo, marcado pelas agressões que sofri de um policial. Sou menor de idade, como devo agir nesse caso? Onde posso recorrer para garantir meus direitos?

**COMO AGIR?**

Os responsáveis devem ir o mais rapidamente possível à Delegacia de Polícia Civil especializada na proteção de crianças e adolescentes (chamada DPCA) para fazer o Registro de Ocorrência sobre o caso. Os pais ou responsáveis do seu amigo devem fazer a mesma coisa. Provavelmente a delegada da DPCA vai pedir pra você e seus pais irem ao Instituto Médico Legal (IML) para você fazer um exame chamado Exame de Corpo de Delito. Depois disso, seus pais ou responsáveis devem procurar um órgão da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, chamado Núcleo de Direitos Humanos (NUDEDH). Talvez a equipe do Núcleo encaminhe vocês para a Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDEDICA). Além de recorrer à Defensoria Pública, os responsáveis podem buscar atendimento no 4º Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Infância e da Juventude e na Assessoria de Proteção Integral à Infância e à Juventude. Por fim, os pais ou responsáveis devem informar o ocorrido à equipe do Conselho Tutelar, que é responsável pela área onde você mora.

ENVIE SUA PERGUNTA PARA:  
[comunicacao@redesdamare.org.br](mailto:comunicacao@redesdamare.org.br)

**PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS**

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Apelido carinhoso de Carmen Miranda	É administrada por Ban Ki-Moon	Trabalhador com cerâmica ou marchetaria	Espada curta dos povos bárbaros	Técnica de agricultura usada pelos incas que alinha pontos com mesma altitude
Infestado por germes de doença		Trecho de história em quadrinhos		
Magoad				
			Difícil (manobra esportiva) (gíria)	
"Quem casa, (?) casa" (dito)		Escalão		
Capital da República Islâmica do Ira	Alpendre	Cano principal de esgoto		De sabor azedo
	Depósito como o Cantareira			"Rural", em ITR
		Indivíduo sagaz e malicioso	Invariável (abrev.)	
Falta de respeito		Que sofreram ofensa		
Trama da história		Hiato em "leem"		
			Poder, em inglês	Principal deus nórdico (Mit.)
			Local de nascimento	Objetiva
				Grão-(?)-bico: base da pasta de homus
Profissional que limpa e organiza o cemitério		Sigla para memória de leitura (Inform.)	Chuva, em inglês	
Sombrio; infausto (fig.)			Inscrição na Cruz	
			A última regência brasileira (Hist. BR.)	
Serviço regulado pela Anac		Altamiro Carrilho, flautista brasileiro		Néida Piñon, escritora "imortal"
Tratamento para ondular os cabelos		Tipo de batalha		
		Óleo, em inglês		

BANCO 3/can — oill — rom, 4/rain, 7/colletor — radical, 13/curvas de nível. 69

**MARÉ DE Direitos**

**ATENDIMENTO SOCIOJURÍDICO GRATUITO** COM PROFISSIONAIS DO SERVIÇO SOCIAL E DO DIREITO.

SEGUNDA-FEIRA | 15H ÀS 18H  
SEXTA-FEIRA | 9H ÀS 13H

**REDES DA MARÉ**

Rua Sargento Silva Nunes, 1012  
Nova Holanda (ao lado da Praça da Nova Holanda)

**WHATSAPP:**  
**99924-6462**

O WHATSAPP RECEBE FOTOS, VÍDEO E TIRA DÚVIDAS. AS INFORMAÇÕES QUE CHEGAM NO WHATSAPP SÃO MANTIDAS EM SIGILO.



**PIXEL**

Disney **MOANA**  
UM MAR DE AVENTURAS

Conheça a versão em quadrinhos do filme Moana!

**UMA JOVEM CORAJOSA. UM SEMIDEUS. UMA INCRÍVEL JORNADA!**

**Solução**

T	V	A	M	V	C	%	T	
E	I	N	E	N	M	W	E	P
A	E	G	U	O	O	A		
I	R	I	O	R	A	T		
N	I	R	N	V	A	T		
D	O	I	R	I	A	O	C	
D	T	O	D	E	N	E		
S	%	V	%	T	V	E	V	
V	I	C	N	E	T	O	S	N
A	N	I	%	O	V	A	B	T
R	%	V	A	C	S	A	U	
U	R	A	G	R	E	U	O	
C	C	V	A	D	I	N	E	S
R	O	R	A	V	A	P	O	R
E	A	V	A	V	A	V		